

Saberes botânicos e hortícolas na produção de novos espaços urbanos na Europa e na América Latina: agentes, promotores e circulações (1853-1892)

El conocimiento botánico y hortícola en la producción de nuevos espacios urbanos en Europa y América Latina: agentes, promotores y circulaciones (1853-1892)

E3_01 - Estratégias profissionais e expertise transnacional: arquitetura, urbanismo e paisagem (1880-1960)

Lucas Knabben

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo,
Brasil
knabben@unifesp.br

Fernando Atique

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo,
Brasil
fernando.atique@unifesp.br

Angelo Bertoni

École Nationale Supérieure d'Architecture de Strasbourg, França
angelo.bertoni@strasbourg.archi.fr

Resumo: A presença da natureza como um elemento urbano é uma das características dos processos de remodelações e expansões urbanas do século XIX. Estando de acordo com a necessidade de sanar, higienizar e modernizar as cidades por parte do poder público, a utilização da natureza de maneira domesticada conceitua-se uma nova forma de produzir espaços urbanos e, portanto, atraindo os interesses de países da Europa e da América em sua utilização. Nesse contexto, para além de engenheiros, médicos e sanitaristas, horticultores, botânicos e detentores do que chamamos de saberes sobre plantas se mostram também como profissionais desse processo de reformulações urbanas através de sua expertise de utilização da natureza como elementos de novas composições de espaços públicos para as cidades, que, de primeiro momento, se mostram eclipsados pela história urbana como contribuidores para o campo disciplinar do Urbanismo. A presente comunicação pretende investigar como esse modelo de urbanismo paisagista surge na Europa, em especial na França,

e circula em países da América Latina, particularmente na Argentina, no Uruguai e no Brasil, através das figuras de Édouard André, Auguste Glazou e Paul Villon. Nossa proposta consiste em uma análise de trajetórias profissionais desses detentores de saberes sobre plantas em circulação e a sua aplicabilidade dentro do contexto latino-americano na esfera pública e, no caso paulistana, na esfera privada por meio da relação de Joaquim Eugênio de Lima e Paul Villon para a criação de elementos urbanos para o empreendimento da Avenida Paulista.

Palavras-chave: Parques urbanos; paisagismo; urbanização; savoir-faire; século XIX

Resumen: *La presencia de la naturaleza como elemento urbano es una de las características de los procesos de remodelaciones y expansiones urbanas del siglo XIX. Estando de acuerdo con la necesidad de sanear, higienizar y modernizar las ciudades por parte del poder público, la utilización de la naturaleza de manera domesticada se conceptualiza como una nueva forma de producir espacios urbanos y, por lo tanto, atrayendo los intereses de países de Europa y América en su utilización. En ese contexto, más allá de ingenieros, médicos y sanitaristas, horticultores, botánicos y poseedores de lo que llamamos saberes sobre plantas se muestran también como profesionales de ese proceso de reformulaciones urbanas a través de su expertise en la utilización de la naturaleza como elementos de nuevas composiciones de espacios públicos para las ciudades, que, en un primer momento, se muestran eclipsados por la historia urbana como contribuidores para el campo disciplinar del Urbanismo. La presente comunicación pretende investigar cómo ese modelo de urbanismo paisajista surge en Europa, especialmente en Francia, y circula en países de América Latina, particularmente en Argentina, Uruguay y Brasil, a través de las figuras de Édouard André, Auguste Glazou y Paul Villon. Nuestra propuesta consiste en un análisis de trayectorias profesionales de esos poseedores de saberes sobre plantas en circulación y su aplicabilidad dentro del contexto latinoamericano en la esfera pública y, en el caso paulista, en la esfera privada por medio de la relación de Joaquim Eugênio de Lima y Paul Villon para la creación de elementos urbanos para el emprendimiento de la Avenida Paulista.*

Palabras-clave: parques urbanos; paisagismo; urbanización; savoir-faire, siglo XIX.

Introdução

O século XIX, através dos efeitos da Revolução Industrial e de seu êxodo rural provocado, foi marcado pelo processo de reordenação e expansão da malha urbana das cidades do continente europeu e americano. Esse processo de redesenho urbano carrega em si um caráter de controle social amparado em um discurso higiênico e modernizante, que encontrou na utilização da natureza como elementos de infraestrutura urbana um dos vetores de prover tais alterações na paisagem das cidades (Benevolo, 2001).

Ao lado de engenheiros, arquitetos, médicos e sanitaristas, técnicos esses que se debruçavam sobre o fazer-cidade, horticultores e jardineiros — profissionais que derivam de uma atuação privada — passam a atuar também na realização de projetos de remodelações urbanas através de seu saber técnico e científico adquirido que se mostram, até então, ocultos sob o olhar da historiografia urbana.

De formação itinerante, circulante e acumulativa, esses profissionais detentores do que chamamos de “saberes sobre plantas”, que são o objeto dessa comunicação, atuam em remodelações urbanas atreladas a presença de vegetação e natureza como componentes projetuais. A utilização da natureza como infraestrutura urbana, para além de preceitos de higiene e salubridade, vende-se como uma ideia de modernização urbana, sendo um princípio valioso para diversos países como inserção no mundo dito civilizado, especialmente para países latino-americanos.

Assim, procuramos defender em nossa comunicação que tais profissionais dos ramos hortícolas e botânicos, que foram condecorados como “paisagistas”, se mostram participantes e componentes da disciplina que viria a ser o Urbanismo no século XX. Esses profissionais realizam uma atuação mais proeminente na capital francesa, Paris, que se transforma em um laboratório do que Emmanuelle Bonneau (2016) chama de “Urbanismo Paisagista”, em um movimento que sintetizava técnica, modernização e a presença de natureza urbana em seu processo de reforma urbana especialmente período do Segundo Império francês (1852-1870).

Nos interessa para essa comunicação investigar o processo formativo e as contribuições que os profissionais detentores de saberes hortícolas e botânicos realizam para o campo do urbanismo, e como essa tipologia de produção urbana chega até a América Latina, em especial para as capitais Buenos Aires, Montevideu e, no caso brasileiro, para Rio de Janeiro e São Paulo.

Para tanto, esse artigo, que é fruto de nossa dissertação de mestrado¹ está dividido em três partes: a primeira, trataremos sobre o desenvolvimento e surgimento de vegetação urbana como artífice modernizante para as cidades no século XIX por meio da capital francesa Paris através da atuação do horticultor Barillet-Deschamps; na segunda parte nossa proposta é observar como tais preceitos de utilização da natureza como infraestrutura urbana desembarca na América Latina usando-se a trajetória profissional de Auguste Glazou e Édouard André; a terceira nos debruçaremos na utilização desses preceitos pela iniciativa privada através do estudo de caso da Avenida Paulista, em São Paulo; e concluímos com as considerações finais.

Paris como um laboratório: as Reformas Haussmanianas, os saberes sobre plantas a produção do urbanismo paisagista

¹KNABBEN, Lucas Martinez. Joaquim Eugênio de Lima: entre conexões, territórios e a promoção urbana. Dissertação (Mestrado) em História. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2025.

Como dito, a utilização da natureza como um elemento urbano adquire força no século XIX, e a capital francesa Paris se torna, no período conhecido na historiografia urbana como Reformas Hausmannianas (1853-1870), um palco experimental para tais práticas: através das reformas urbanas promovidas pelo então prefeito do Sena, Georges-Eugène Haussmann, o Barão de Haussmann, Paris é reorganizada seguindo preceitos de salubridade através da arborização de vias e seus alargamentos, combinadas com a criação de um sistema de parques e jardins, produzindo uma cidade que passa a contar com a vegetação como elemento marcante e fundamental.

Dentre os profissionais que trabalham nos diversos *Services* organizados por Haussmann para tal empreitada, nosso olhar nessa comunicação vai especialmente para o *Service des Promenades et Plantations*, comandados pelo engenheiro de *Ponts et Chaussées* Adolphe Alphand (1817-1891) e ao horticultor Jean-Pierre Barillet-Deschamps (1824-1873), no qual daremos mais atenção na comunicação, responsáveis pela criação de uma teia de parques, praças e passeios públicos em um sistema hierarquizado, proporcionando equipamentos públicos ao ar livre como forma de reconstituição da vida urbana após o redesenho urbano proposto pelas Reformas (Choay, 1975; Bonneau, 2016).

Knabben (2025) traz que Jean-Pierre Barillet-Deschamps teve uma formação itinerante e circulante nos saberes sobre jardinagem, horticultura e botânica, bebendo de influências anglo-saxônicas de estilo de projeto de jardins através de seus estudos realizados no *Muséum d'Histoire Naturelle de Paris*.

Barillet-Deschamps realizou trabalhos de experimentação de técnicas de jardinagem e hortícolas utilizando-se dos avanços tecnológicos e aplicando-os na produção e reprodução de plantas em escala industrial. Suas experimentações fizeram com que Barillet-Deschamps ganhasse notoriedade em sociedades botânicas europeias e chamasse a atenção de Alphand e Haussmann para compor o corpo técnico do *Service des Promenades et Plantations* de Paris, assumindo, ao lado do engenheiro Jean Darcel, o trabalho de composição do *Bois de Boulogne*, na parte oeste da cidade.

Transformado em um parque público, o *Bois de Boulogne* adquire como característica de seu traçado o estilo *paysagiste*, como uma contraposição ao jardim racional francês, bebendo-se de influências projetuais anglo-saxônicas, em um estilo pautado na contraposição com o estilo clássico francês de jardins característicos do antigo regime (Limido, 2002, Knabben, 2025).

Como o modelo de reurbanização de Paris pautava-se na arborização e da produção de espaços verdes urbanos, houve a necessidade de abastecer a cidade com exemplares vegetais. A municipalidade, de primeiro momento, ensaiou a compra, por meio de viveiros particulares nos arredores da capital, que se mostraram serem de baixa qualidade e insuficientes para atender às reformas urbanas almejadas. Coube então a Barillet-Deschamps criar, a partir de sua expertise experimental prévia, um sistema industrial de produção vegetal. Barillet-Deschamps organiza quatro grandes viveiros nas franjas da cidade, equipados com estufas, canteiros de aclimação e estruturas de reprodução de plantas destinadas a suprirem a necessidade de Paris, como expressamos na figura 1 (Limido, 2002).

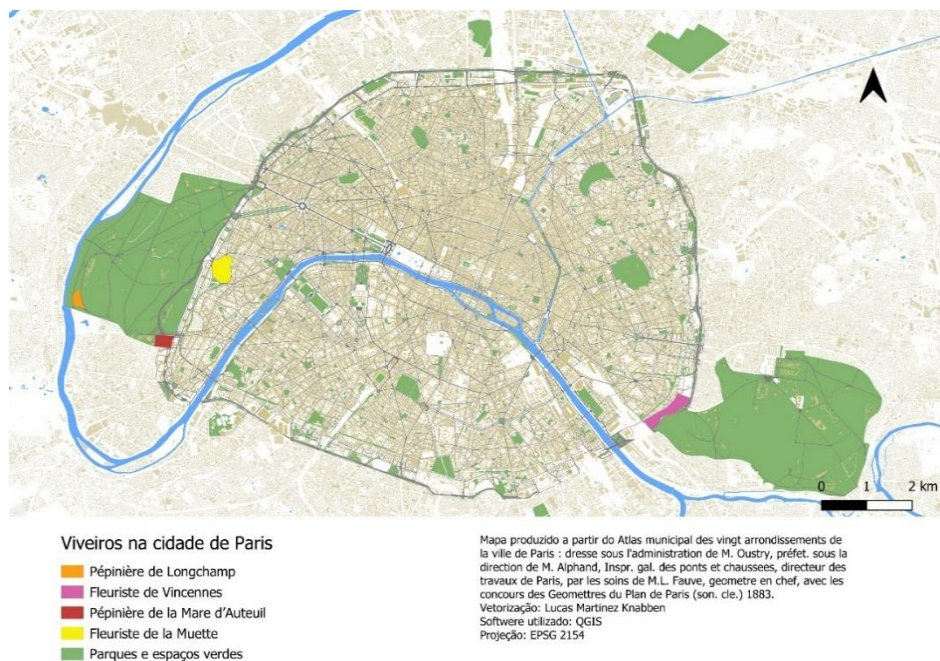


Figura 01: Viveiros na cidade de Paris. Fonte: Knabben, 2025.

Dentre os viveiros, A *Fleuriste de la Muette* é a primeira e a que merece mais destaque, pois sozinha fora capaz de fornecer plantas de reposição para jardins, praças e vias o ano inteiro em Paris através de seu sistema industrial de produção e reprodução de plantas. O sucesso do *Bois de Boulogne* e do sistema de fornecimento de plantas para Paris rendeu notoriedade tanto para Barillet-Deschamps quanto para seus jardineiros a ele subordinados, lhes rendendo outros trabalhos de envergadura na capital francesa. Entre eles, destaca-se a composição do *Parc des Buttes-Chaumont*, expresso na figura 2, encarregado também a Barillet-Deschamps, Jean Darcet, e a sua equipe de jardineiros.

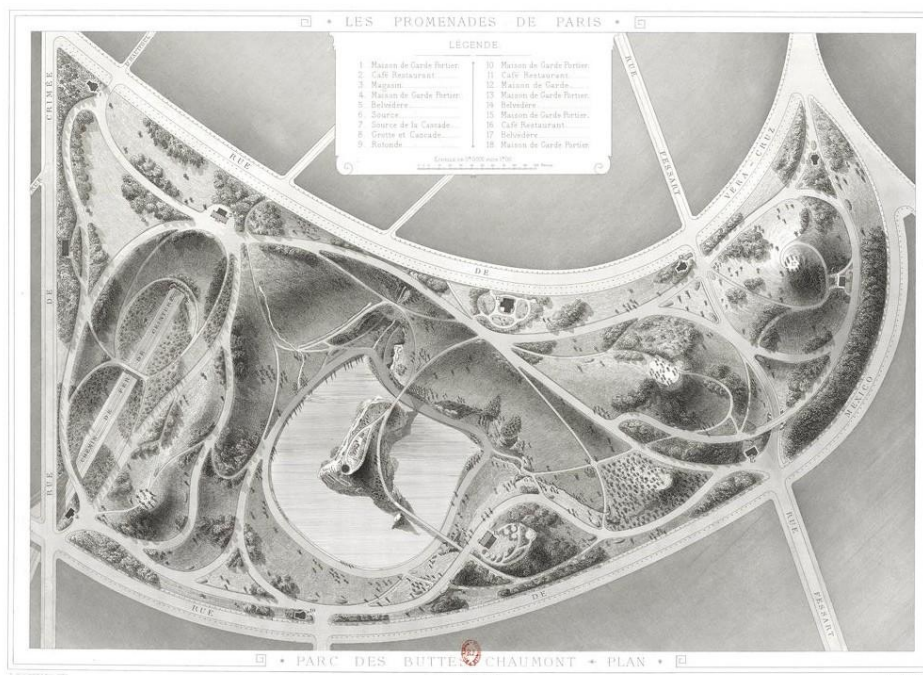


Figura 02: O *Parc des Buttes-Chaumont*. Fonte: ALPHAND, Adolphe. *Les promenades de Paris*. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6276852>. Acesso em: 20 de out. 2025.

O *Parc des Buttes-Chaumont*, como processo de remodelação de Paris por meio da implementação do sistema de parques como obras públicas, repercute também na iniciativa privada através do processo de especulação imobiliária em seu redor. Além de ser um exemplo categórico do processo de renovação urbana utilizando-se de elementos naturais (ou que imitassem a natureza dentro da malha urbana), o parque foi utilizado como vetor de valorização imobiliária de um local indigno da capital, localizado ao norte da cidade.

Além de sua utilização como artifício para valorização imobiliária, o *Buttes-Chaumont* serviu, assim como os trabalhos nas *fleuristes* e no *Bois de Boulogne*, como uma vitrine para os funcionários e técnicos que ali trabalhavam.

No caso dos subordinados a Barillet-Deschamps, é através desse conjunto de trabalhos realizados, seja em Paris ou nos trabalhos realizados antes de sua radicação na capital, que seus funcionários desenvolvem expertises nos saberes sobre plantas como um *savoir-faire* assimilado e adquirem notoriedade pelos seus trabalhos realizados. Essa notoriedade se transforma em contatos e contratos para a realização de parques e jardins ao redor do mundo, mas também em uma busca por parte desses profissionais em destaque nas sociedades de horticultura e botânica.

Nosso foco para esta comunicação será dado para os profissionais que realizam tanto trabalhos projetuais na América Latina na esfera pública e privada, e que buscam, através de suas coletas botânicas, notoriedade em sociedades do ramo.

Botânicos e horticultores em circulação entre a França e América Latina

A consolidação do urbanismo paisagista francês como um modelo urbano moderno passou a chamar a atenção do mundo. Sua divulgação fez com que países se espelhassem na tipologia como

aplicável às necessidades das capitais de seus países, na promoção de prestígio social e como forma de inserção no mundo civilizado, especialmente na América Latina.

Os profissionais que adquiriram prestígio ao trabalharem no corpo técnico das Reformas Haussmanianas, especialmente horticultores e botânicos, são alvos de contatos e contratos para a realização de projetos de remodelações urbanas nas capitais latino-americanas, fazendo com que atuassem como divulgadores do estilo *paysagiste*. Édouard André e Auguste Glaziou são exemplos desses profissionais que realizam esse movimento, atuando, respectivamente, em Montevideu, Buenos Aires e Rio de Janeiro, como profissionais detentores de um *savoir-faire* aplicável às demandas exigidas pelas autoridades locais, no qual exploraremos suas trajetórias a seguir.

Édouard-François André (1840-1911), advindo de um ambiente horticultor familiar, teve sua formação vinculada no Muséum d'Histoire Naturelle de Paris, onde se aperfeiçoou tanto nos tratos botânicos e horticolas, quanto realizou contato com o estilo inglês (ou anglo-saxão) de projetar jardins. André integra o *Service des Promenades et Plantations* e compõem o corpo profissional na *Fleuriste de la Muette* e no *Parc des Buttes-Chaumont* ao lado de Barillet-Deschamps (André, Courtois, 2001; Audouy, Dantec, Nussaume, Santini, 2018).

Sua trajetória é marcada tanto pela expertise botânica e horticola, pela prática urbana e por sua circulação internacional: André viajou para diversos países da Europa e para os Estados Unidos realizando projetos de parques e jardins, e trocar profissionais. Em 1879, após retornar de sua expedição botânica para a América do Sul, escreve o *L'Art des Jardins: traité général de la composition des parcs et jardins*, em que aborda sua experiência como funcionário do *Service des Promenades et Plantations* e suas vivências como projetista internacional.

Sua atuação articula prática urbana, expertise botânica e circulação internacional: ele viaja para diversos países da Europa e para os Estados Unidos realizando projetos e trocas profissionais e escreve o tratado *L'Art des Jardins: traité général de la composition des parcs et jardins* através de sua experiência trabalhando no *Service* e como projetista de parques e jardins na Europa (André, Courtois, 2001).

Um dos projetos de destaque de Édouard André foi realizado no final da década de 1860 na Inglaterra. Ao lado do arquiteto inglês Lewis Hornblower, André projetou o *Sefton Park*, em Liverpool, enquanto fora funcionário em Paris do *Service*. No projeto, André e Hornblower articulam o parque, boulevards e loteamentos em seus arredores também como forma de valorização imobiliária, assim como o que foi realizado no *Parc des Buttes-Chaumont*.

Sua notoriedade e prestígio adquiridos pelos seus trabalhos realizados e sobretudo pela publicação de seu tratado de jardins renderam trabalhos do outro lado do Atlântico: André foi convidado para a realização de um projeto de remodelação urbana em Buenos Aires seguindo os preceitos de urbanismo paisagista através da criação de um sistema de parques, como o realizado em Paris. O projeto, por questões financeiras, não foi realizado.

Posteriormente, Édouard André é convidado para a realização de outro projeto de remodelação urbana, desta vez na capital uruguaia, Montevideu. A demanda também foi para remodelações urbanas e da criação de sistemas de parques. Ao lado de seu filho, René André, Édouard André dota-se mais uma vez da utilização do parque como instrumento de valorização imobiliária, higienização e distinção urbana (André, Courtois, 2019).

Outro profissional detentor dos saberes sobre plantas que realiza o movimento de circulação é Auguste Glazou (1840-1911), atuando no Brasil. Também vindo de uma formação itinerante e com aperfeiçoamento no *Muséum d'Histoire Naturelle de Paris*, assim como André, Glazou teve contato com Barillet-Deschamps quando ambos estiveram em Bordeaux, antes de Barillet-Deschamps assumir o *Service des Promenades et Plantations* em Paris.

Glazou chega ao Brasil por intermédio de Francisco José Fialho (1814-1885), agente ligado a corte imperial brasileira, que buscava trabalhadores qualificados e estrangeiros para o Rio de Janeiro.

Através de trabalhos privados de jardinagem para a corte brasileira, em especial para Fialho, Glazou é indicado para a realização das reformas do Passeio Público. Glazou substitui o traçado racional do século XVIII realizado pelo Mestre Valentim por um traçado sinuoso em estilo *paysagiste*.

O sucesso da reforma do Passeio Público condecora Glazou a realização de mais projetos privados para a corte brasileira, o que possibilitou a execução de seu segundo trabalho de envergadura na então capital brasileira: a requalificação do Campo da Aclamação. Glazou transforma o espaço em um grande parque público urbano em estilo *paysagiste* como forma a atender a valoração imobiliária de seu entorno.

A utilização do parque urbano como atrativo imobiliário pela iniciativa privada: o caso da Avenida Paulista

Ao contrário de Montevideu, Buenos Aires e Rio de Janeiro, em que o modelo de urbanismo paisagista foi utilizado pelo poder público como forma de valorização imobiliária e de modernização de seus espaços, no caso paulista esse modelo é apropriado pela iniciativa privada, e a síntese de sua utilização é na produção da Avenida Paulista.

O empreendimento urbano foi realizado por um grupo de acionistas, em que um deles, Joaquim Eugênio de Lima, se destaca. Uruguaio-brasileiro e formado em engenharia agrícola em Bonn, na Alemanha, Lima adquire boa parte dos terrenos que compõem a antiga Chácara do Capão, cortada pela Estrada da Real Grandeza.

Sua formação o capacitava para a realização do projeto urbanístico e paisagístico da Avenida, que substituiu a antiga Estrada da Real Grandeza, estrada essa destinada a rodagem de animais, para uma larga via com a setorização de seus usos — pedestres, carruagens e bondes — através da presença de arborização urbana, como é possível verificar no quadro produzido por Jules Martin para Lima, expresso na figura XX, que combinavam a estética moderna e salubre da via com vistas para a cidade (Knabben, 2024).

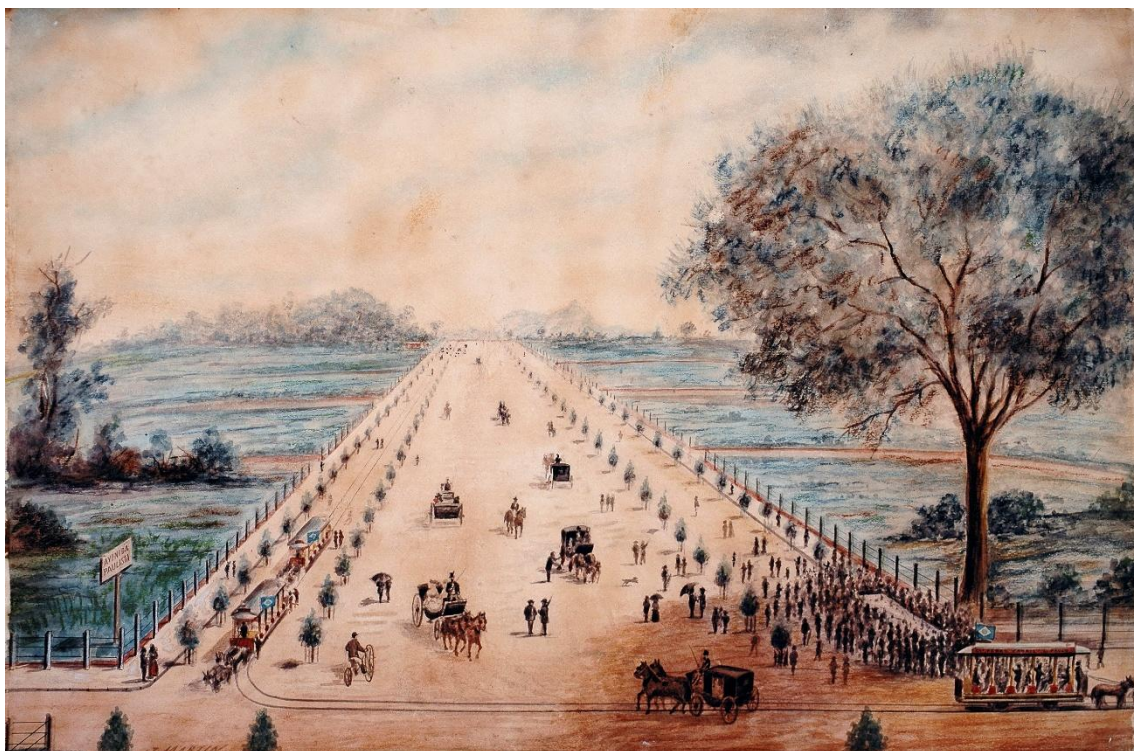


Figura 0: Avenida Paulista no dia da Inauguração, 8 de Dezembro de 1891, de Jules Martin. Fonte: Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Como forma de gerar tanto um atrativo imobiliário quanto um discurso distintivo para o empreendimento, Joaquim Eugênio de Lima contrata Paul Villon, horticultor francês que havia trabalhado ao lado de Glaziou em obras no Rio de Janeiro, para a realização de um parque urbano para o loteamento (Knabben, 2025).

Villon foi mestre *rocaille*² formado na *École d'Arboriculture et d'Horticulture de la Ville de Paris*. Sua notoriedade adquirida ao trabalhar com Glaziou despertaram o interesse de Joaquim Eugênio de Lima, que o contrata para a realização de um parque para a Avenida Paulista. Como forma de estabelecer o acordo para o projeto, Lima concede o direito a Villon o direito de explorar um restaurante no interior do parque, que se chamaria Parque Villon³ (Knabben, 2025; Azevedo Filho, 1954).

² Trata-se de uma imitação da natureza utilizando-se de concreto armado, produzindo-se, assim, grutas, madeiras, troncos e pedras destinados para a composição de parques e jardins.

³ Atualmente o parque se chama Parque Tenente Siqueira Campos, ou popularmente conhecido como “Parque Trianon”.



Figura 0: Convite para a inauguração do Parque Villon. Fonte: Azevedo Filho, 1954.

Como exposto na figura XX, o parque passou a compor a Avenida Paulista como um espaço que produzia capital simbólico para aqueles que ali residissem. Através de seu discurso moderno e de distinção, o Parque Villon, assim como os outros exemplos, gerava uma valorização imobiliária por seu discurso, por meio da utilização da natureza como um equipamento público.

Considerações finais

Através desta comunicação, nosso objetivo foi elucidar como a utilização da natureza — de maneira domesticada — passou a fazer parte de elementos de infraestrutura urbana no século XIX através de sua utilização na composição de parques, jardins e praças, anteriormente destinados a vida privada através de um discurso que a atrelava a modernização das cidades.

Destacamos que, para tanto, os saberes sobre plantas e seus atores são agentes fundamentais tanto na participação dessas reformas urbanas do XIX quanto de sua difusão por meio de sua circulação, que permitiu serem vetores de divulgação e implementação de projetos do estilo que Bonneau (2016) categoriza como urbanismo paisagista na Europa e na América Latina.

Esses profissionais, que a historiografia urbana os tratou como alcunhas que fogem, em certa medida, de sua expertise e seus domínios ou como secundários, se mostram, assim, tanto como fundamentais para esse tipo de projeto urbano quanto seus saberes se mostram como componentes da disciplina que viria a ser o Urbanismo no início do século XX.

Referências

- ANDRÉ, Floence; COUTOIS, Stéphanie de (Org.). **Édouard André (1840-1911): un paysagiste botaniste sur les chemins du monde**. Paris: Les Éditions de L'Imprimeur, 2001.
- ATIQUE, Fernando. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa /FAPESP, 2004.
- AZEVEDO FILHO, Rocha. **Um pioneiro em São Paulo: Joaquim Eugenio de Lima**. São Paulo: São Paulo, 1954.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BERJMAN, Sonia. **Plazas y Parques de Buenos Aires: las obras de los paisagistas franceses (1860 - 1930)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina S. A., 1998.
- BERTONI, Angelo. Introdução: a trajetória profissional no estudo da circulação de saberes sobre a cidade. In: SALGADO, Ivone; BERTONI, Angelo (org.). **Da construção do território ao planejamento das cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas américas (1850-1930)**. São Carlos: Rima, 2010. p. 103-110.
- BERTONI, Angelo. L'étude des trajectoires professionnelles, une contribution à l'histoire de l'urbanisme. Le cas d'Étienne de Groër (1882-1952). **Mélanges de La Casa de Velázquez**, [S.L.], v. 1, n. 54, p. 209-232, 2024.
- BONNEAU, Emmanuelle. **L'urbanisme Paysager: une pédagogie de projet territorial**. Tese (Doutorado). École Doctorale Montaigne Humanités. Bordeaux, 2016.
- BRANDARIZ, Gustavo Andrés. El maravilloso mundo de la Naturaleza en Humboldt, Emerson, Thoreau, Sarmiento, Hudson y Martínez Estrada. In: SEMINARIO DE CRÍTICA, 270., 2025, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: FADU, 2025. p. 1-55.
- BRITO, Mariana Reis de. **Práticas botânicas e experiências estética: as múltiplas faces de Auguste François Marie Glaziou no brasil do século XIX**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LIMA, Rita de Cássia Pereira. Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 48, n. 167, p. 100-127, mar. 2018.
- CHOAY, Françoise, Haussmann et le système des espaces verts parisiens. **Revue de l'art**, 1975/3 N° 29, p. 83-99
- DOURADO, Guilherme Onofre Mazza. **Belle époque dos Jardins: da França ao Brasil do século XIX e início do XX**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Carlos, 2009.
- ENOKIBARA, Marta. **Organizações Dierberger (1893-1940)**. Paisagem e Ambiente, São Paulo, Brasil, n. 38, p. 35–54, 2016.

KNABBEN, Lucas Martinez. **Joaquim Eugênio de Lima: entre conexões, territórios e a promoção urbana.** Dissertação (Mestrado) em História. Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2025.

LIMIDO, Luisa. **l'Art des jardins sous le second empire: Jean-Pierre Barillet-Deschamps (1824 - 1873).** Seyssel: Champ Vallon, 2002.

PICON, Antoine. Nature et ingénierie : le Parc des Buttes-Chaumont. **Romantisme**, [S.L.], v. 150, n. 4, p. 35-49, 1 dez. 2010.

TERRA, Carlos Gonçalves. **Os jardins no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado.** Dissertação (Mestrado) em História da Arte. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

TURCOT, Laurent. Entre promenades et jardins publics: les loisirs parisiens et londoniens au XVIIIe siècle. **Revue belge de philologie et d'histoire**, Bélgica, n° 3-4, vol. 87, p. 645-663, 2009